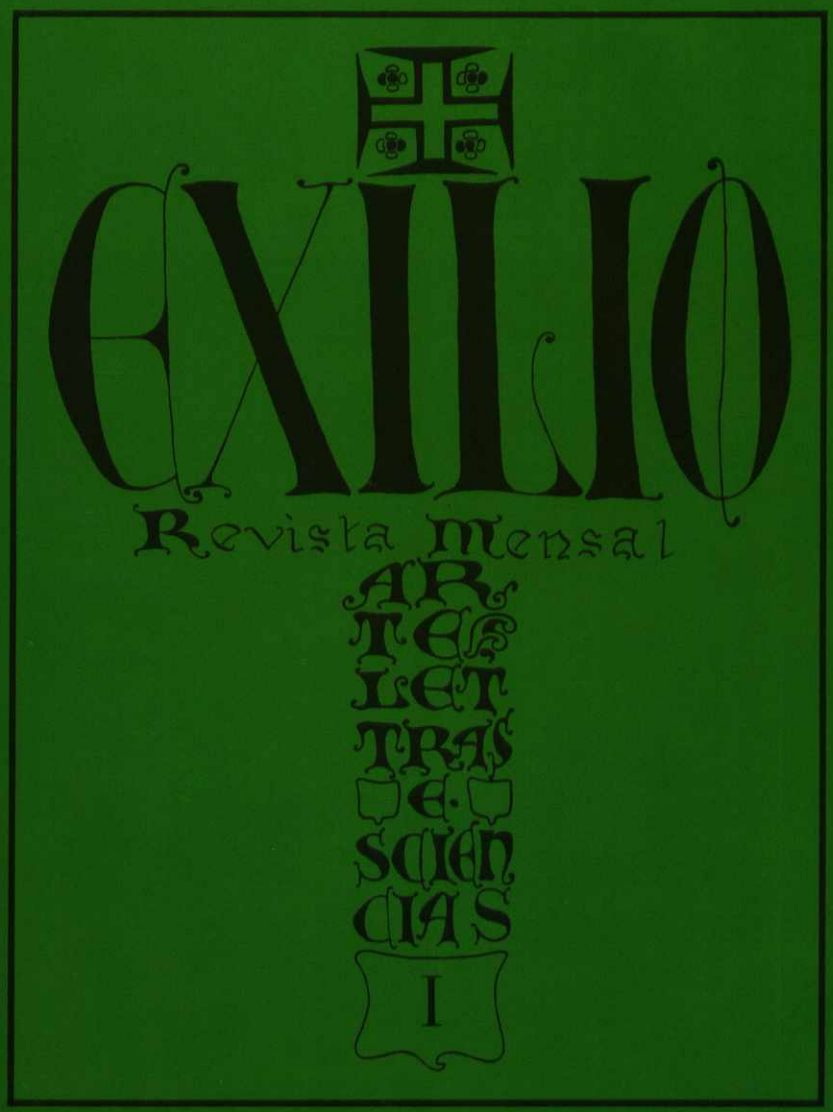

Contexto, editora

SIhi

Contexto

edições facsimiladas

1. PORTUGAL FUTURISTA
2. EXÍLIO
3. CENTAURO
4. REVISTA PORTUGUESA

Slhi

O exemplar original da revista «Exílio» que servio de base à presente edição facsimilada foi gentilmente cedido aos editores pelo seu proprietário Dr. Álvaro Bordalo a quem aqui renovamos a expressão dos nossos agradecimentos.

Preço: 170$00
Copyright, Contexto, editora, lda. 1982
Apartado 21017 1126 Lisboa Codex

EXÍLIO

EDIÇÃO FACSIMILADA

CONTEXTO EDITORA
LISBOA

SIhi

EXÍLIO

EDIÇÃO FACSIMILADA

NACIONALISMO E MODERNISMO
O PROJECTO *EXÍLIO*

por TERESA ALMEIDA

SIhi

A Revista *Exílio* foi publicada em 1916, um ano depois do escândalo *Orpheu,* um ano antes da apreensão de *Portugal Futurista.*

Anunciada desde Janeiro na correspondência entre Fernando Pessoa e Sá Carneiro[1], *Exílio* aparece em Abril. Aparentemente passa quase despercebida na imprensa da época. Apenas *A Nação* se lhe refere em termos elogiosos, enumerando uma série de colaboradores potenciais, o que faz pensar que um projecto mais vasto e mais grandioso estaria na sua origem[2]. De facto, são referidos, entre outros, os nomes de Carolina Michaëlis, Gomes Leal, Afonso Lopes Vieira, Camilo Pessanha, Sá Carneiro e Mário Beirão. Bastante mais económico é *O Dia* que num artigo de fim de página depois de noticiar o aparecimento da revista, comenta: «Pode não se concordar com a forma litteraria na prosa ou no verso, e, até, com a doutrina dos artigos; o que não pode deixar de reconhecer-se é que em todos elles ha manifestações do talento, estudo e observação»[3].

---

(1) Em carta datada de 13 de Janeiro de 1916 escreve Sá Carneiro: «Muito interessantes as notícias que você me dá. Deus queira que isso vá por diante, Ena pai: logo 3 revistas literárias — e duas mais ou menos paúlicas — o CENTAURO, o EXÍLIO» (*Cartas a Fernando Pessoa,* Lisboa, Ática, 1959, vol. II, p. 143). E em Fevereiro: «O Exílio sempre aparece? Não se esqueça de me enviar um número caso apareça.» (*Idem, ibidem,* p. 155).

(2) «Impressa em excellente papel e muito bem apresentada «Exílio» conta já na lista dos seus collaboradores os nomes illustres de D. Carolina Michaelis, Theophilo Braga, J. Leite de Vasconcellos, Azevedo Neves, Gomes Leal, Affonso Lopes Vieira, Camillo Pessanha, Mário Beirão, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, António Sardinha, Martinho Nobre de Mello, Augusto Casimiro, Cortes-Rodrigues, Antonio Ferro, Carlos d'Oliveira, Augusto de Santa Ritta, Ruy Coelho, Alexandre Rey Colaço, David de Sousa, Luis de Freitas Branco, Antonio Fragoso, Alberto Sarti e de muitas outras individualidades em destaque no meio litterario e artístico» (*A Nação* de 16 de Abril de 1916).

(3) *O Dia* de 29 de Abril de 1916.

Slhi

No entanto, *A Águia,* que em número de Dezembro do ano anterior tivera o cuidado de fazer uma dura crítica aos *Sonetos* de um dos colaboradores de *Exílio,* Pedro de Menezes (nome que assinara Alfredo Guisado)[4], e que nos finais de 1916 comenta mais favoravelmente o livro de poemas de Augusto de Santa-Rita[5], não lhe faz qualquer referência. Nem mesmo *A Ideia Nacional,* semanário nacionalista, dirigido por Homem Cristo Filho, no qual António Sardinha colaborou, e que nesse mesmo mês de Abril apresenta duas capas desenhadas por Almada, faz qualquer alusão a essa revista que de uma maneira mais velada lhe era ideologicamente próxima. Da pouca repercussão de *Exílio* parece ainda dar conta o artigo que Alfredo Pimenta publica em *O Dia* sobre o ano literário de 1916[6]. Apenas refere o aparecimento de *Centauro,* criticando também os livros de Pedro Menezes e Augusto de Santa-Rita.

Fosse porque no ano de 1916 proliferassem as revistas literárias[7] que, aliás, merecem todas elas referências nos jornais diários; fosse porque o seu carácter insólito desviasse as atenções, *Exílio* teve uma vida curta (apenas um número) e silenciosa, bem diferente do caso *Orpheu.*

No entanto os seus colaboradores não eram só ilustres desconhecidos. Os jornais da época referem as conferências que, nesse mesmo mês de Abril, António Sardinha proferira no Clube Naval. No mês seguinte sobe à cena no *Nacional* a peça *Octávio* de Vitoriano Braga. Junqueiro, de que *Exílio* insere o retrato «inedito sobre cliché do distinto escriptor Victoriano Braga» para retomar a terminologia do articulista de *O Dia,* era uma personalidade com projecção nacional e fora primeira página do mesmo jornal que noticiava em 5 de Abril a sua conversão! Cortes-Rodrigues tinha sido um dos colaboradores de *Orpheu* tal como Alfredo Guisado e Fernando Pessoa.

Curiosamente *Exílio* é hoje referida sobretudo por ter sido aí que foi publicado pela primeira vez um poema intitulado, exemplarmente, *Hora Absurda.*

---

(4) *A Águia,* nº 48, Dezembro, 1915, p. 255.

(5) *A Águia,* nºs 58, 59, 60, Out., Nov., Dezembro, 1916, pp. 190-191.

(6) *O Dia* de 31 de Dezembro de 1916.

(7) Continua a publicar-se *A Águia,* órgão da Renascença do Porto. Em Abril surge *Exílio* e anuncia-se a publicação de uma revista alentejana, *Terra Nova.* Olhão vê também aparecer a sua *Hora Literária.* Surge também em Abril o nº 6 da revista *Atlântida.* Finalmente o acontecimento do ano será *Centauro.*

Slhi

Ecléctica, movendo-se entre um decadentismo esteticizante e um nacionalismo mais ou menos discreto, *Exílio* quando comparado a *Orpheu* ou a *Portugal Futurista* parece singularmente fora do tempo. No entanto, ela pretende ser, na sua «ingenuidade», o arauto de um projecto nacionalista que neste princípio de século parece estar por detrás de ideologias de sinal contrário, quer elas sejam a da *Renascença* ou a do *Integralismo Lusitano*.

OS ANTECEDENTES

Em 1912 publicara Fernando Pessoa, na revista *Águia* do Porto uma série de artigos sobre *A Nova Poesia Portuguesa*. Essenciais para a compreensão do percurso pessoano[8] eles são também indispensáveis para se entender a preocupação fundamental a que o projecto *Exílio* procura responder. Parte o texto de Pessoa da existência mítica de uma *alma nacional*, entidade primeira, fundamento da Nação. Independente das vicissitudes *físicas* do país (isto é dos factos económicos ou militares) ela é fundamentalmente potencialidade criativa, estruturadora e estruturante de uma visão de universo[9]. Nascida da «inconsciência divina do povo» que a ignora ela apenas se torna transparente pela Poesia que a afirma e *cria*[10]. O que o texto de Pessoa diz, na sua radicalidade, é que só o Poeta pode falar de uma forma absoluta e totalizante da Cidade. A Poesia torna-se assim via única de acesso à essência de uma Nação porque ela é, ou pode ser, essa essência. E por isso quando esquece aquela que é a sua missão primeira (ser espelho da alma nacional) vê-se mergulhada num período de decadência a que obviamente corresponde um período de crise política. Tal não era o caso do movimento poético de que Pessoa falava que, pelo seu carácter nacional, se destinava a ser precursor de um

---

[8] Sobre a importância deste texto, veja-se o estudo de Eduardo Lourenço — *Da literatura como interpretação de Portugal* in «O Labirinto da Saudade», Lisboa, Dom Quixote, 1978, p. 116. Todo o artigo é fundamental para se localizar o *projecto-Exílio* num percurso que se inicia com o Romantismo.

[9] «Por vitalidade de uma nação não se pode entender nem a sua força militar, nem a sua prosperidade comercial, coisas secundárias e por assim dizer físicas nas nações; tem de se entender a sua exuberância de *alma*, isto é, a sua capacidade de criar, não já simples ciência, o que é restrito e mecânico, mas *novos moldes, novas ideias gerais*, para o movimento civilizacional a que pertence.» (Fernando Pessoa, *A Nova Poesia Portuguesa sociologicamente considerada*, texto reproduzido em «Textos de Crítica e de Intervenção» Lisboa, Ática, 1980, p. 15).

[10] Vide edição citada, p. 47.

Slhi

período áureo da literatura a que se iria seguir um momento alto da História de Portugal. Inscreve-se nesse texto um messianismo poético corporizado na figura mítica do *Super-Camões* anunciador e criador do *Supra-Portugal.*

Que esses artigos sejam publicados na revista *Águia,* órgão da *Renascença,* e que quatro anos mais tarde Pessoa decidisse publicar *Hora Absurda* numa revista sob a tutela simbólica do nacionalismo, ao lado de um homem como António Sardinha, não significa, parece-nos, um volte-face político. Pessoa, quando apostara na *Renascença* ou, como afirma Eduardo Lourenço, no desafio que Pascoaes era,[11] apostara algo num projecto poético de que aliás preconiza a superação mas nada ou quase nada num projecto político de que tem o cuidado de se distanciar[12]. Disso parece dar conta a carta que em 28 de Janeiro escreve a Álvaro Pinto, sobre a eventual colaboração de António Cobeira, suspeito de actividades anti-Renascença: «A nossa causa é importante de mais para nos estarmos a constituir em partido político ou seita religiosa. Cada poeta lusitano que possâmos pôr em evidência mais um serviço à literatura pátria, e à Pátria portanto»[13].

Em 1914 Pessoa rompe com *A Águia* e o ano de 1915 é todo ele marcado pelo monumental escândalo que *Orpheu* foi. Pelo contrário, 1916 é o momento de pausa que antecede a modernidade agressiva de *Portugal Futurista.* É também o ano do diálogo frustrado entre o Modernismo e o Integralismo.

NACIONALISMO E MODERNISMO: O PROJECTO EXÍLIO

O movimento integralista nasce da convivência coimbrã entre Hipólito Raposo, Alberto Monsaraz, Almeida Braga e António Sardinha. É em 1913 que Domingos Gusmão, Luis de Almeida Braga, Ro-

---

[11] Eduardo Lourenço, *Da literatura como interpretação de Portugal,* op. cit., p. 113.

[12] «De modo que é bom fixar isto também: que se ser monárquico é ser traidor à alma nacional, ser correligionário do sr. Afonso Costa, do sr. Brito Camacho, ou do sr. António José de Almeida, assim como de vária horrorosa subgente sindicalística, socialista e outras coisas representa paralela e equivalente traição» (De um dos artigos publicados em *A Águia,* reproduzida em «Textos de Crítica e de Intervenção», ed. cit., p. 41).

[13] Carta transcrita em *Ocidente,* nº 77, vol. XXIV, 1944, p. 306.

Slhi

lão Preto, emigrados em Gand, fundam uma revista a que chamaram, significativamente, *Alma Portuguesa*. Nascida como resposta à *Águia* essa revista dará lugar a outra, publicada em Coimbra, em 1914, a *Nação Portuguesa*[14].

Conservador, tradicionalista e monárquico, afirmando orgulhosamente o seu carácter contrarevolucionário, o Integralismo está voltado essencialmente para os valores da Família, da Religião e da Pátria. Consciente da degradação do País (uma conferência feita por António Sardinha, em Maio de 1916, falava da *Ruína Nacional*), o Integralismo apontava, também, para o ressurgimento mítico da Nação. Curiosamente o seu primeiro manifesto surge também, em Abril de 1916, assinado já pela Junta Central do Movimento. Aí se afirmava: «O curso poderoso e fecundo da tradição nacional deve quanto antes restabelecer-se em toda a sua amplitude passada, para que as energias ocultas da Raça, latentes há muitos anos, consigam de novo germinar»[15]. No entanto, o manifesto acaba fazendo a apologia da monarquia, com um feroz militantismo anti-republicano.

É óbvio que entre Pessoa e os homens do Integralismo coexiste uma preocupação fundamental com a chamada «alma Portuguesa». Os percursos são, no entanto, substancialmente diferentes. O que passava no Integralismo pela restauração da Monarquia, a que não faltava um projecto concreto de governo, passava em Pessoa por um projecto essencialmente cultural[16]. Uma terminologia comum, a consciência da degradação do país, a metafísica da Raça, talvez aquilo a que possamos chamar «imaginário colectivo» aproxima-os por um breve momento.

Do diálogo frustrado entre o modernismo e o nacionalismo conservador, ficará uma revista — *Ideia Nacional*. Tradicionalista e monárquica, estava próxima do Integralismo não só ideologicamente mas também através de alguns dos seus colaboradores como António Sardinha e Luis de Almeida Braga. O primeiro número da 2.ª série surge precisamente em 6 de Abril de 1916, com novo formato e tendo

---

(14) Informações colhidas no livro de Hipólito Raposo *Dois nacionalismos*, Lisboa, 1929.

(15) Transcrito por Leão Ramos Ascensão, *O Integralismo Lusitano*, Lisboa, Edições Gama, 1943, p. 180.

(16) Vide Joel Serrão. *A busca pessoana do sentido de Portugal*, in Fernando Pessoa — «Sobre Portugal — Introdução ao problema nacional», Lisboa, Ática, 1978, p. 35.

Slhi

como director artístico José Pacheko, ligado a *Orpheu*. Almada desenha as capas dos n.ºs 20 e 21 (respectivamente de 13 e 20 de Abril) mas um artigo do seu director, Homem Cristo Filho, contra o futurismo, interrompe essa colaboração. O vanguardismo de Almada não se coadunava com o provincianismo conservador de que, apesar de tudo, a *Ideia Nacional* fazia prova[17].

Mais sério e mais coerente é o diálogo que se desenha em *Exílio* onde, atrás do ecletismo das diversas colaborações, fica patente uma evidente preocupação nacionalista, capaz de albergar homens que seguirão caminhos tão diversos como Fernando Pessoa ou António Sardinha. Outra justificação não terão, também, os artigos de Cláudio Basto sobre a linguagem popular, o historicismo de um Teófilo Braga e mesmo o artigo sobre Numismática Portuguesa da autoria de Leite de Vasconcelos. E doutra coisa não fala o prólogo do director da revista, Augusto Santa-Rita.

Reivindicando a Tradição e nisso se distanciando de Pessoa para quem a nova poesia deveria ser anti-tradicional, *Exílio* defende uma concepção de Arte que faz desta ponte para o Além, do Poeta mensageiro, da Poesia chave do reencontro com a Pátria, esse Portugal mítico que Pessoa nunca se cansará de procurar. *Exílio,* tem, no entanto, o cuidado de se distanciar de um projecto político concreto, considerando-se a si própria como «a linda praia em desterro» daqueles que «independentemente da cor política, confiam ainda no ressurgimento de Portugal pelos novos». Esse considerar-se fora do mundo, em exílio permanente, aproxima-a, por outro lado, do universo estético do simbolismo-decatentismo, para quem a terra das quimeras era a única que podia e devia ser habitada[18]. Aproximando-se dos artigos de Pessoa na *Águia,* sem que no entanto se tenha apercebido de toda a sua complexidade, Augusto de Santa-Rita limita-se a fazer de *Exílio* o profeta de um projecto nebuloso porque não claramente formulado. E a linguagem esotérica é mais atitude estética do que vivência interior. A sugestão resicrucista do emblema da capa não encontra no prefácio, nem mesmo nos artigos, incluídos em *Exílio* qualquer continuidade.

---

[17] Sobre a colaboração de Almada na *Ideia Nacional* veja-se José Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XX,* Lisboa, Bertrand, 1974, pp. 58-60 e p. 538 e ainda Cecília Barreira, *Nacionalismo e Modernismo — De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros,* Lisboa, Assírio e Alvim, 1981.

[18] «*Exílio* é um título decadentista», Jacinto Prado Coelho, *Modernismo,* in «Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega, Brasileira».

Slhi

OS TEXTOS

Exílio pretendeu ser uma revista de «artes, sciencias e letras». Para além dos artigos de carácter histórico ou linguístico que não iremos analisar, destaca-se o texto de António Sardinha, esse sim revelador da ideologia integralista. Viagem iniciática, aqui se refaz o percurso de um Garrett cuja contemplação da charneca alentejana fora abruptamente interrompida pelas reflexões amargas sobre a guerra civil. Mas o que em Garrett fora experiência dramática, destruidora da beleza da charneca pela profanação de uma luta fratricida, é em Sardinha, recordando a Restauração, experiência mística, transfiguradora da terra, tornada sagrada por uma orgia de sangue. Desprende-se deste texto toda uma mitologia, tristemente anunciadora daquela que será recriada pelo imaginário fascista. Falo da metafísica da Raça, da sedução do canto guerreiro, da apologia da morte.

Mais inocentes no seu nacionalismo são os sonetos de Augusto Santa-Rita, mais tarde publicados no seu livro *Praias do Mysterio.* Aí se encontra o corolário da imagística decadente: o orfismo («Eu quero ser Orpheu/ Tanger a lyra do meu proprio Inferno»), o fascínio pelas ruínas dos Impérios («E dessa ruina é minha vida cheia/ Sinto-a em meu somno e na minha insomnia/ Como antigas ruinas de Pompeia/ Ou como as de Bizancio e Babilonia/), ou a mística erótica («Alma a esvair-se em extasis de cor/ Espasmos de volupia, carne a rir/»). Crepuscular, a poesia de Augusto Santa-Rita torna-se por vezes solar, sobretudo nos momentos em que transparece o sonho nacionalista. A mulher torna-se então anjo, ponte para o mundo do Além, espelho do sonho da Pátria («Uma Índia nova em teu olhar me chama»), bem diferente daquela outra diabólica e corrupta («E tu porque terás no verde mar/ Dos teus olhos, ó toda de artificio/ a risada hypiletica do vício/). Também aqui o poeta é comparado a Cristo, destinado a «ser divino cigano d'Outro Mundo/ E ler na mão de um povo inteiro a sua sina». O livro de Santa-Rita, a meio caminho entre o decadentismo dionisíaco e o nacionalismo apolíneo, fala, também, a seu modo, do que foi o projecto *Exílio.*

Do universo decadente nascem também os sonetos de Pedro de Menezes (Alfredo Guisado) publicados dois anos mais tarde em *Ânfora,* com uma ou outra modificação[19]. Satã, esse herói romântico

---

[19] Sobre a evolução da poesia de A. Guisado veja-se o estudo de José Carlos Seabra Pereira, *Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Guisado* in «Do fim-de-século ao tempo de Orfeu», Coimbra, Almedina, 1979.

Slhi

que ousara desafiar a lei de Deus, é agora o grande solitário, irremediavelmente condenado à errância. Sombra da sombra de Deus, impossibilitado de se fundir com o mundo, só lhe resta perseguir a sua imagem («E quando pelo jardim passo/ Brinco com as rosas e corro/ Atraz das sombras que faço/»). Filho da noite, Mãe e Madrasta, invoca a figura desse outro grande solitário que ousara desafiar o seu Medo. Falo de D. Juan morto simbolicamente pela lua, essa presença feminina que Satã tanto teme («Penso na Lua. É a faca/ Com que mataram João/»). Personagem sombra no reino das sombras, Satã sabe que só existe enquanto ser dividido, nascido do seu próprio sonhar. E a noite, essa é Una, e por isso deixar-se apanhar por ela é perder aquilo que é a sua infinita liberdade, é transformar o olhar em prisão, é cegar.

Os poemas de Armando Cortes-Rodrigues, agrupados significativamente sob o título *Via-Sacra,* inserem-se também numa linha herdada do simbolismo e do decadentismo. *Via-Sacra* é o percurso crepuscular que leva a Mulher (a sua imagem) para a Morte, primeiro ausente e distante, depois «alma» petrificada, olhando a viagem que não pode fazer («E tua alma fica sempre em vão/ Olhando dos teus olhos nas janelas/ O mar sem naus e apenas solidão»). Percurso do sofrimento que a ausência é, o texto ganha alguma força, sobretudo no terceiro soneto, quando a imagem de Ofélia se desenha entre lírios («No tanque do jardim a sua imagem/ Morreu por entre sombras de abandono»).

Mas se em Armando Cortes-Rodrigues a mulher é sacralizada porque pertencente ao reino do *Além,* em António Ferro *(Canção da Madalena)* ela é símbolo erótico, pecadora e amante («Não lamentem Madalena/ Que ela razão não vos deu/ Fez o mesmo que Jesus/ Pelos homens se perdeu»). Polo oposto a Ofélia, a mulher morta, Madalena reúne em si o erótico e o místico, prostituta convertida à sedução de Jesus. Daí a transformá-la em «Amante de Cristo», como o faz um quadro de Rops[20] que a representa crucificada tendo em laia de auréola as velas do Moulin Rouge, vai só um passo. Não têm a mesma força as quadras de António Ferro. Esta Madalena que perverte Jesus, acaba no narcisismo, assumindo, dessa maneira, o desafio que o seu erotismo representava.

---

[20] Quadro reproduzido e comentado por Philippe Julian, *Esthètes et Magiciens,* Paris, 1969.

SIhi

Caracterizou Pessoa nos artigos já citados de *A Águia* a nova poesia portuguesa como sendo de «ideação vaga, subtil e complexa». Ideação subtil seria a dos versos de Samain *(Je ne dis rien et tu m'écoutes / Sous tes immobiles cheveux)* em que este «desdobra a sensação directa de um silêncio *à deux,* opressivo e nocturno, na tripla sensação de silêncio, de almas que falam nesse silêncio, e da imobilidade dos corpos, mas não dá outra impressão do que a intensa desse silêncio»[21]. Pelo contrário «a ideação complexa supõe sempre ou uma intelectualização de uma emoção ou uma emocionalização de uma ideia»[22]. Exemplos apontados por Pessoa, entre outros, as expressões «choupos de alma» de Jaime Cortesão ou «ungido de universo» de Guerra Junqueiro. Exemplo de ideação complexa parece ser o verso inicial de *Hora Absurda* em que o silêncio do tu se desdobra e amplifica na imagem de uma nau de velas enfunadas. É esse o processo constitutivo do poema em que uma imagem inicial *alarga e complexifica* uma sensação, num jogo metafórico que não acaba nunca. Objectivação do subjectivo («Minha ideia de ti é um cadáver que o mar traz à praia») ou subjectivação do objectivo («Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto»), *Hora Absurda* ilustra ainda aquela outra característica que Pessoa apontara à nova poesia portuguesa: o encontrar em tudo um Além[23]. Percurso de um «eu» que se reencontra e se perde na imagem de um «tu» que se desdobra sucessivamente, o poema sonha já com a total despersonalização («Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral») anunciadora da criação próxima da heteronimia. Exercício formal, sem dúvida, mas admiravelmente conseguido, *Hora Absurda* representa o coroar do esforço do Simbolismo.

Mas o mais moderno dos textos publicados em *Exílio* acaba por ser aquele que é assinado por Fernando Pessoa, «sensacionista». Aí se fala do projecto *Orpheu,* retomando por vezes o tom provocatório, de costas voltadas para o «pseudo-petrarchismo dos tristes poetas da (...) Renascença», ou para a «seca commotividade» do «neo-huguismo» numa clara referência a Junqueiro. No entanto, neste

---

[21] Transcrito em *Textos de Crítica e de Intervenção,* ed. cit., p. 50.

[22] Idem, p. 51.

[23] Idem, p. 55. Sobre a importância dos artigos de Pessoa para a caracterização do movimento poético do princípio do século veja-se o importante trabalho de Fernando Guimarães *A Poesia da Presença* e o *Aparecimento do Neo-Realismo,* Porto, Brasília Editora, 1981.

Slhi

texto, o Sensacionismo emerge de uma «instância da Hora da Raça», trazendo consigo o projecto utópico de ser via de realização da cidade ideal «Cosmopolis». Aqui Sensacionismo, significante que em Pessoa abrigou significados vários, é bem diferente daquele outro em que se escreve: «Reivindicam (os Sensacionistas) e pregam absoluta indiferença para com a humanidade, a religião e a pátria»[24]. Sensacionismo é mais o decadentismo (vejam-se os comentários aos livros de Pedro de Menezes e Cabral do Nascimento) do que o movimento caracterizado por Campos: «O sensacionismo prende-se à atitude enérgica, vibrante, cheia de admiração pela Vida, pela Matéria, e pela Força...»[25]. Mas não foi também Pessoa quem escreveu: «Mas eu não tenho princípios. Hoje defendo uma cousa, amanhã outra. Mas não creio no que defendo hoje, nem amanhã terei fé no que defenderei. Brincar com as ideias e com os sentimentos pareceu-me sempre o destino supremamente belo. Tento realizá-lo quanto posso.»[26]. Aquele que se desdobrou em heterónimos é o mesmo que faz dialogar nos textos teóricos, como viu José Augusto Seabra, os outros que ele também era.

Texto utópico que procura ligar duas experiências contraditórias (*Orpheu* voltado para a Europa, desafiando a ordem estabelecida; *Exílio* voltado para dentro, reatando o diálogo com a Pátria), o artigo de Pessoa estabelece o limite da convivência possível entre homens e textos que seguirão caminhos diferentes. Pessoa embrenhado na heteronimia, pensará em *Portugal Futurista. Hora Absurda* pertencia radicalmente ao passado, tal como *Exílio,* envolvida na teia decadentista. O sonho nacional encontrará a sua resposta poética e mítica na *Mensagem,* publicada quase vinte anos mais tarde. Augusto de Santa-Rita passar-se-á a dedicar, sobretudo, à literatura infantil, Sardinha enveredará por uma poesia entre o saudosismo e o nacionalismo. Cortes-Rodrigues encontrará nos Açores a ruralidade mística que alguma da sua poesia anterior já anunciava. Alfredo Guisado não deixará a inspiração decadente. António Ferro depois de algumas incursões literárias deixar-se-á envolver pelo Estado Novo e

---

[24] Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação.* Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, Lisboa, Ática, p. 204.

[25] *Idem, ibidem,* p. 126.

[26] *Idem, ibidem,* p. 65.

Slhi

Martinho Nobre de Melo e Rita-Martins serão conhecidos um, como jurista célebre, outro pelas suas obras sobre medicina tropical.

Sonho, efémero, *Exílio* morrerá à nascença. Do seu projecto ficará a utopia do que nunca foi: «Novo Christo do Ideal (...) em parábolas d'oiro apregoando a sua Bíblia nova».